

Editorial

O Rio de Janeiro é a cidade brasileira mais conhecida no mundo. É a referência existencial não só para os que aqui nasceram, mas para todos aqueles que a adotaram – ou foram adotados por ela –, não importando de onde vieram.

Se o medo incomoda, intimida, tortura, o amor por este lugar espremido entre o mar e a montanha, de praias, de lagoas, de cachoeiras e de florestas, encanta e faz esquecer uma parte do medo. Se frases como esta podem parecer ufanistas ou uma ode a um certo paraíso idílico bem ao gosto dos literatos do tempo passado, não importa: ser do Rio de Janeiro é viver essa dialética de amor e medo. Como na cantiga popular: metade de mim te adora, metade de mim te odeia.

Tal sensação híbrida está materializada na entrevista de Eulália Lahmeyer Lobo, síntese de poesia, reflexão crítica, paixão e medo. Como historiadora internacionalmente referenciada, estudiosa do Rio de Janeiro, carioca de nascimento e que viu a cidade se transformar, é categórica no sentido de que, apesar de todos os seus males passados e presentes, ainda tem paixão pela cidade e sua gente.

Os homens constroem a história, mas não como querem, afirmava Marx, com toda a propriedade, no século XIX. As reformas urbanas que marcam uma cidade são feitas por humanos – não por máquinas – que pensam em melhorar a qualidade de vida de seus contemporâneos.

Pereira Passos, seguindo Hausmann na França de poucas décadas anteriores, acreditava ser necessário modificar a cidade para que se pudesse viver melhor. E, neste sentido, ambos fizeram a história. Contudo, seguindo ainda Marx, nem sempre como queriam e, principalmente, sem terem a noção de que mexer no urbano é, fundamentalmente, mexer com a vida das pessoas.

Este número 10 da *Revista do Rio de Janeiro* é dedicada ao centenário das reformas urbanas da cidade à época de Pereira Passos. Primeiramente, o que seria apenas o Dossiê Temático, ganhou vida própria e tomou conta da edição. Parafraseando João do Rio, a alma encantadora (?) das ruas e das reformas tomou conta de nossas vidas, e da Revista...

Um tema muito explorado nos idos dos anos 1980 e 1990 – as reformas urbanas, particularmente a de Pereira Passos –, ficou um pouco adormecido desde então. Mas não esquecido: vários pesquisadores de diversas áreas, sobretudo historiadores, continuaram a visitá-lo com outras perspectivas teóricas e metodológicas. Até porque, a transformação pela qual passou o Rio de Janeiro no início do século XX foi o grande paradigma para as outras mudanças ocorridas em várias cidades do país. Mais ainda, o Rio de Janeiro era a capital federal, centro de convergência política, econômica, social e cultural do Brasil.

Buscando esses estudos inéditos para o grande público, encontramos material que daria para fazer não um, mas diversos números da *Revista do Rio de Janeiro*. A escolha dos artigos prendeu-se ao ineditismo do tema, dos métodos e dos enfoques utilizados pelos autores.

Para compor o “Dossiê Temático” deste número, selecionamos quatro trabalhos. O artigo de Ângela Penalva apresenta uma reflexão acerca do sentido de “ser prefeito do Rio de Janeiro” ao longo de um século e a relação disso com as modificações urbanas desde então. André Nunes propõe-se a entender as alterações urbanas de 1903-1906 como a conjugação de duas reformas: a do governo federal para atender a modernização do Porto do Rio de Janeiro e a projetada e implementada pela Prefeitura do Distrito Federal, visando transformá-la em uma cidade civilizada/civilizadora. Wagner Menezes estuda a configuração do pequeno comércio tradicional existente no espaço central da capital federal daquele tempo e toda a proposta de sua redefinição; ao mesmo tempo, explora as práticas e os registros morais desse segmento. O artigo de José Luiz Villar trata do confronto entre a implantação de um projeto único de modernidade urbana e o antigo “jogo dos bichos”, oriundo dos tempos do Império e enraizado no cotidiano dos setores populares da cidade.

A seção “Mediações”, graças à extrema generosidade de Eulália Lobo, reproduz uma importante e inédita correspondência do comerciante português no Rio de Janeiro Antonio Dias Leite no período Pereira Passos. Maria Isabel Ribeiro Lenzi, como uma detetive, revela uma outra faceta de Pereira Passos presente na correspondência por ele mantida com Américo Rangel: a preocupação com os pobres! Já Américo Freire, volta-se para a imprensa, captando os mecanismos pelos quais alguns setores da intelectualidade

carioca contribuíram para a produção de um personagem símbolo: Pereira Passos. Robert Pechman, outro detetive, explora a tensão entre civilidades e incivilidades.

No tocante ao segmento “Memória”, republicamos os importantes trabalhos de Maria Inez Turazzi e de Maurício Abreu, que integram a primeira fase da publicação. Há muito tempo os estudiosos do tema exigiam a republicação destes artigos que podem ser considerados referenciais para o conhecimento do período.

Uma inovação deste número podemos encontrar também na seção “Entrevista”. A primeira, a entrevista realizada com a já mencionada Professora Emérita da UFF e da UFRJ, Eulália Maria Lahmeyer Lobo. A segunda, trata-se de uma saborosa entrevista “espiritual” com Pereira Passos feita por Antônio Edmilson Rodrigues e André Nunes de Azevedo. Compulsando um conjunto vigoroso de fontes e depoimentos de Francisco Pereira Passos, os dois historiadores simularam uma entrevista com o próprio ex-prefeito.

Inauguramos a seção “Iconografia”, com o artigo de Ricardo de Hollanda e fechando a edição, temos o artigo de Carmen da Matta, refletindo acerca da vida literária no Rio de Janeiro do “bota-abixo”. Momento de transformação da cidade e de metamorfose da vida literária, de Imperial a contemporânea. Contamos também com um “Panorama Editorial”, organizado pelo Urbandata, com referências bibliográficas que se voltam para o tema principal deste número.

Como o leitor pode observar, o espírito das reformas urbanas de Pereira Passos tomou conta totalmente desta edição. Oxalá, não tenha sido o espírito perverso de expulsão e repressão aos setores populares, mas o que se preocupava em melhorar a qualidade de vida desta Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro e que a metade de todos nós que a adora, domine a outra metade, a que a odeia.

Cezar Honorato